

APÊNDICE A – NARRATIVAS

Transcrição das narrativas na íntegra, mantendo o tom coloquial das narradoras.

PROFESSORA SILVANIA MÁRCIA GONÇALVES GUARDIERO

Meu nome é Silvania Márcia Gonçalves Guardiero, sou casada com Carlos Augusto Guardiero há 22 anos, tendo dois filhos: o Giovani com 21 anos e o Murilo com 16.

Faz 25 anos que estou professora. Desde quando eu era pequena tinha como meta ser professora. Admirava minhas professoras e achava que podia ser uma boa professora; e esse caminho comecei a seguir.

Formei-me aos 17 e nessa idade assumi uma escola particular, como diretora, fiquei por uns 8 anos e depois fui para a sala de aula e de lá não saí mais. Tenho uma caminhada bem longa de sala de aula.

Depois mudei para a Cidade do Prata (MG), e chegando lá fiquei excedente. Fiquei excedente na escola porque as turmas de primeira a quarta saíram da responsabilidade do Estado e foram para o município e, como professora do Estado, eu precisava tomar uma atitude para não ficar ai excedente, porque eu corria risco. Tinha medo de perder o meu cargo.

Uma amiga convidou-me a fazer o curso de Pos-graduação em Ciências da Religião, em Uberlândia, e resolvi fazer esse curso. No primeiro momento o imaginei como possibilidade de não perder o meu cargo no Estado. Terminei o curso e comecei a dar aula de Ensino Religioso, lá no Prata e, por um ano, trabalhei com Ensino Religioso, com alunos de primeira a quarta séries.

Foi uma experiência com a qual comecei a perceber que era aquilo que eu queria. E falei: “gente eu preciso me aprofundar porque eu acho que estou no caminho que gostaria de estar”. Apesar de tanto tempo trabalhando com os alunos de alfabetização, percebi que podia estar mais perto deles trabalhando com Ensino Religioso. Foi uma experiências muito boa!

Mas tive que retornar. Mudei para Uberaba novamente, chegando aqui tive que assumir de primeira a quarta novamente, deixando o Ensino Religioso. Depois de alguns anos a escola onde eu estava foi fechando as salas de primeira a quarta série e se tornou de quinta a oitava. Como já estava acostumada na escola, tinha um tempo de serviço e a diretora gostava do meu trabalho e tal, ela me perguntou com o que mais eu poderia estar trabalhando além de

atuar de primeira a quarta. Foi quando eu falei que tinha a pós-graduação em Ciências da Religião, assim assumi novamente o Ensino Religioso.

Faz dois anos que eu estou no cargo de Ensino Religioso, mas para mim tem sido uma experiência grandiosa, porque eu posso estar mais em contato com os alunos, ouvindo mais esses alunos; e eu me realizei dentro das aulas de Ensino Religioso.

Eu sabia que cada um tinha uma religião, que era difícil numa sala de aula haver uma só religião, aí fui percebendo a diversidade de religiões que tinha dentro da escola: católico, espírita, protestante. E me perguntei: “como trabalhar?” Eu não tinha assim uma base de como eu faria esse trabalho com eles. Mas fui percebendo que eu teria que trabalhar com eles o lado bom. Toda religião trabalha, tenta passar tudo aquilo que é de bom. Aí comecei a trabalhar dessa forma, comecei trabalhar com valores.

Trabalhar o amor, a fidelidade, a honestidade, a partilha; dessa forma vi que era a melhor forma de trabalhar, de passar, para eles, o Ensino Religioso.

No começo, quando eles ficaram sabendo que o Ensino Religioso iria voltar para sala de aula, houve muitos questionamentos. Inclusive por se falar em Ensino Religioso, muitos alunos chegam e dizem: “olha, eu não vou poder assistir às aulas!”. Eles achavam que o Ensino Religioso estava voltado somente para a Religião Católica. E falei que não! Nós faríamos o seguinte trato: eles assistiriam algumas aulas para perceber. Teve mães para as quais tive que mandar bilhetes explicando como seria a aula. E assim começou!

Eu tento trabalhar como sempre baseada no amor, no amor de Deus; eu acho assim, tudo eu tento levar para o lado do bem, da fraternidade, da honestidade, da partilha, o lado do ser humano; formando, tentando formar esse ser humano como cidadão. E a gente percebe que a criança já vem com esse lado quase que pronto de casa. Então fica difícil você mudar, mas você começa a plantar a semente, eu acho que isso é o mais importante, você começa a plantar uma sementinha aqui... Por que tem alunos que no começo eles falam, não essa, essa aula eu nem vou assistir porque vai falar de Deus. Tem o caso de meninos que se dizem ateus. Então fica difícil para você lidar com esse lado aí também.

Então eu fui percebendo que precisava ganhar toda confiança desses alunos, para eles perceberem que nós não iríamos tratar, poderíamos falar de religião, mas sem desfazer de religião nenhuma. Tendo todo cuidado, para mostrar o lado de cada uma, mas sem tá partindo para uma religião. E assim foi meu trabalho. Durante esses dois anos estou tentando fazer dessa forma e tem dado muito certo.

A gente conversa muito, a gente troca opiniões. Eu procuro dar um pouco diferente daquela aula que a gente fica o tempo inteiro só ouvindo, ouvindo. Eu procuro ouvir

muito o lado deles. E procuro também trabalhar com muita dinâmica e foi o que até hoje deu certo. Trabalho com dobraduras, dinâmicas, brincadeiras, fábulas. Procuro levantar com os próprios alunos os temas a serem trabalhados. “Eu acho isso muito importante, o que vocês acham? - Vamos supor o que aconteceu durante essa semana que mais chamou a atenção, o que vocês ouviram na notícia, e vocês ficaram chateados, o que vocês acham que está acontecendo? Ah, violência! Então eu procuro fazer um trabalho com eles sobre a violência.

- Dona Sylvania, a senhora ouviu falar daquele menino e tal, que não tinha os braços e tal!

Aí eu procuro trabalhar, valorizando, todo o lado bom; de respeitar o ser humano da forma que ele e se respeitar da forma que a gente é. Então foi e é dessa forma que estou tentando trabalhar e que está dando muito certo.

Não tive problema nenhum com aluno, pelo contrário, hoje esses alunos até me buscam para conversar, até sobre problemas particulares mesmo que acontecem, que às vezes a gente toca e eles falam... Às vezes eles falam:

- Ah, Dona Sylvania, não é tão fácil para a gente ter essa abertura para conversar com os pais.

E a gente percebe que hoje o diálogo está bem distante, às vezes, de muitas famílias... Eu percebi muito isso nessas aulas. Eles não conseguem, às vezes, sentir do pai e da mãe aquela preocupação que é verdadeira, de pai e mãe. A correria é tanta, mas eles gostariam na hora de uma apresentação na escola que os pais fossem e eles não se apresentam. Ou eles só vão na escola para saber resultados... Quando você vai trabalhar todas as questões de relacionamentos, a gente percebe as dificuldades que eles têm de se relacionar com os próprios pais.

Quando a gente fala para eles: a gente tem que aprender a falar para as pessoas que a gente as ama, eles dizem, “Ah, mas meus pais não aceitam, não me respeitam. As vezes quero falar e eles dizem logo ... não, não, meu filho!

Então o que acontece? A gente tem que ter toda essa preocupação de está dialogando e mostrando para eles que é mais fácil chegar perto dos pais e conversar, e essa experiência dentro da sala de aula tem dado muito certo! É muito na base do diálogo. Eles trazem os problemas que eles gostariam de ser tratados em sala de aula, para que a gente discuta e dessa forme eu acho que tem dado muito certo!

Eu atuo de quinta a oitava séries. Trabalho com meninos de 10 a 11 anos até os pré-adolescentes e adolescentes, tem-se assim, uma diversidade de coisas para trabalhar, por que cada um está em uma etapa e cada um vê a vida de forma diferente, por causa da idade.

Às vezes você se aprofunda mais numa sala, em outras tem que trabalhar de forma diferente. Para mim tem sido uma experiência nova. Percebo, nos pré-adolescentes, a dificuldade que eles têm no convívio com as pessoas; às vezes eles se acham muito fáceis, mas na hora de dar um abraço, um sorriso, de pequenos gestos de amor... eles não conseguem. Quando comento com eles em se levantarem num ônibus e dar o lugar para uma pessoa idosa, o que acontece? Eles não têm essa facilidade.

Não trabalho conteúdos religiosos, quando passo, trabalho as diferenças. Vamos supor: se surge um assunto, a gente procura fazer uma pesquisa... Dentro de cada religião. Se você é espírita, como que é trabalhado esse lado. E o outro? Ai ele trazem a experiência de quem é evangélico. E o católico? Como vê? Com isso mostro a diferença.

Percebo que eles ainda não têm uma formação. Sabe? Está difícil trabalhar esse lado justamente por isso. Então o que eu estou buscando trabalhar, por enquanto, com eles: as diferenças. Procurar o ponto de vista de cada um. E dentro de sua religião, com que vocês trabalham? É dessa forma? Um exemplo simples: orar. Fazer uma oração. Então, dentro de sua religião como que é feita? Como vocês fazem? E é dessa forma que trabalho com eles.

Eu acho que eu tenho várias experiências marcantes... Uma experiência que sempre comento é a de um aluno de 8º ano, que seria a 7ª série. Desde o ano passado, nós percebemos que esse aluno era muito rebelde em sala da aula. Muito rebelde. Deu muito trabalho. E várias vezes, dentro da minha aula mesmo, ele não fazia nada. Só que ficava pacato, não se manifestava de forma alguma. No começo, ele manifestou que era ateu, logicamente nós iríamos trabalhar assim, a cada um respeitar o limite do outro. E foi assim acontecendo. Mas percebi que, também nas outras aulas, ele estava se tornando um aluno muito rebelde.

Esse ano, tive a graça de ter um contato mais direto com esse aluno. No começo, na primeira aula que tive, nós fomos comentar sobre as aulas, como seriam nossos passos das aulas para o ano, fazer toda uma programação, porque eu gosto de fazer com eles, é como te falei, está programando com eles aquilo que eles gostariam de ver durante todo ano. O que aconteceu? Ele falou que não gostava da aula de Ensino Religioso. Aí comentei que existia uma certa diferença entre gostar, mesmo que não fosse a minha, entre gostar da aula e do próprio professor. E fui percebendo que ele estava sempre implicante. Sempre com caderno aberto, deixando de fazer as minhas atividades, mas fazendo outra.

Aí fui reconhecer que esse menino tem um grande um talento: ele desenha muito bem! Muito bem! Cheguei perto dele, até então eu não tinha percebido isso e, quando percebi esse talento, comecei chegar perto dele, conversar, perguntar se na família tinha alguém com

esse talento e fui entrando em detalhes; sentei do lado dele, comecei a perceber que ele tinha necessidade de falar daquilo que ele gostava, que era desenho. E realmente ele desenha com perfeição. Fui elogiando, falando para ele que ele tinha muita capacidade, que ele era um aluno que nós precisávamos, dentro do colégio, mostrar a capacidade, assim como de alunos que tinham outros tipos de talento. Dessa forma, percebi que ele foi mudando as atitudes dentro da sala de aula. Todos os dias, quando eu chegava na sala, até hoje quando eu chego, a primeira coisa que eu faço é ir do lado dele e perguntar qual foi o desenho da semana que ele fez. Comecei a perceber a mudança dele para comigo e para, também, com a escola. Porque ele mudou totalmente o comportamento. Porque eu procuro entrar em contato com os outros professores; e o comportamento dele mudou.

Percebi que ele é de um valor muito grande na sala de aula. A partir desse momento, ele não deixou mais de cumprir as minhas tarefas de sala de aula, participar da sala de aula, tem um porém, ele terminou. Ele pega o caderninho e vai desenhar. Uma mudança de atitude que todos dentro da escola perceberam. E a gente tem procurado realmente mostrar esse lado dele, de que ele é muito inteligente; é capaz e pode ser muito útil dentro da escola.

A gente vai percebendo a experiência de filhos que têm certa dificuldade com mães, quando a gente vai trabalhar algumas datas como as mães. Já percebi alunos que até mesmo simples bilhete eles não conseguem mandar, falam que não têm coragem de escrever para a mãe. Procurei saber o que acontecia. Foi aí que a gente começa perceber que esses alunos são espancados, são colocados dentro de quartos de castigo, que a mãe não dá essa liberdade para eles estarem dialogando; trocando opiniões.

E digo, vamos fazer a experiência. Procure que seja através de um bilhete; “Ah, mas minha mãe não me ouve” Então mande um bilhete. Deixe um bilhete hoje na cabeceira da cama da sua mãe, fale para ela que ela é importante na sua vida, e você vai percebendo que as coisas vão mudando. E realmente isso foi acontecendo. Sabe? Percebi alunos, por que eles chegam depois e falam: “Dona Silvania, deu certo aquela experiência que eu fiz.” Então, para mim isso é gratificante!

Eu acho que muito mais que trabalhar a religião em si – cada religião é importante – nós temos é que trabalhar no resgate de valores que estão perdidos. Eu sei que minha aula é uma vez por semana, e que talvez ela não dê tantos frutos como eu gostaria, mas acho que em cada aula uma semente é plantada. E tenho certeza de que, com o tempo, vou colher esses frutos.

Dentro da religião, é dessa forma mesmo que trabalho; procurando fazer essa diferença, sem estar demonstrando, sem estar direcionando qual seria a melhor religião para

um ou para outro. Eu acho que a catequese é obrigação dos pais, de em casa estarem fazendo, cada um procurar trabalhar a catequese com seu filho, de acordo com a sua própria religião, então, não tento trabalhar esse lado. Não sei se estou certa ou se estou errada, mas não faço esse trabalho catequizando... Busco trabalhar de uma forma bem dinâmica, com brincadeiras, com jogos, trocando experiências com outros professores...

Tenho várias apostilas... Então, dentro da minha aula se eu trabalho um tema, vamos supor: o amor; depois trabalho algo que seja relacionado, uma brincadeira, uma dinâmica de dobraduras, ou uma fábula para dramatizar. É dessa forma que estou trabalhando e que tem dado muito certo.

Dificuldades a gente encontra! A escola é grande e não temos uma sala onde nós possamos levar as crianças para ver um vídeo, então a gente tem que locomover a televisão, e às vezes o tempo é muito curto. São só cinquenta minutos. Procuro passar filmes, para depois trabalhar a moral, toda essa questão. Não vejo tanta dificuldade. As dificuldades maiores são do aluno, de expor as próprias opiniões, as próprias idéias. Eu me dou bem com todos, com eles tenho um relacionamento muito bom, uma atitude de respeito... Percebo uma atitude de respeito muito grande para com eles, e tanto para eu com eles quanto eles comigo. Dificuldade maior não encontrei até hoje. Nem um pai que tenha vindo e que tenha reclamado, pelo contrário, sempre quando a gente tem uma reunião eles falam que é muito importante; que acharam válido ter voltado as aulas de Ensino Religioso.

Dentro do Ensino Religioso às vezes, eles colocam o papel do professor como esperança para eles. Percebi isso nas reuniões de pais que nós fazemos. Quando dizem: “Ah que bom, então agora a senhora vai trabalhar, esse tema com o meu filho!” A sexualidade, toda a questão da sexualidade tem que ser bem trabalhada agora. A gente trabalha tudo isso dentro do Ensino Religioso.

A escola é muito aberta e não tenho dificuldade de trabalhar. Trabalho na Escola Minas Gerais. A diretora dá toda abertura para qualquer tipo de trabalho, vamos supor, quando nós vamos fazer uma campanha – costume fazer nessa época a campanha do agasalho – trabalho esse lado deles, da solidariedade, do pouco que a gente tem, mas que pode representar muito na nossa vida. Porque eu acho que não adianta só a gente ficar na sala, mas a gente tem que ter ação, e para ter ação, precisa da ajuda da escola também, por que sozinha fica complicado o professor de Ensino Religioso ou qualquer um professor levar todo esse projeto para a frente.

Com os colegas também não! No começo sentia assim: a aula de Ensino Religioso não era tão valorizada, tipo: “Ah, o horário é de Ensino Religioso, vamos fazer, o que sobrar

fica para o Ensino Religioso” Hoje conquistei esse espaço dentro da escola. Graças a Deus, conquistei e mostrei que o Ensino Religioso tem que ser valorizado igualmente, igual a qualquer outra matéria, talvez até mais. Porque os meninos, quando eu faltou, eles procuram saber porque a Dona Silvania faltou. Então eu vejo que minha aula é importante para eles! No começo, realmente eu percebi que quanto aos colegas o Ensino Religioso poderia ser deixado de lado. Hoje, graças a Deus, não sinto esse problema. Minha aula é valorizada da mesma forma que qualquer outra aula. E eu procuro não faltar. Sou muito responsável com essa questão. Eu não faltou, e se preciso faltar por qualquer questão, já está programado o que é que vou trabalhar, não deixo aleatório para o professor que vai me substituir. Então eu acho assim, que aprendi conquistar esse espaço dentro da escola e ser valorizada, e não tenho esse problema com relação aos meus colegas, com a direção da escola e até mesmo com os pais dos alunos. Para mim foi muito importante essa conquista.

Tudo o que Deus deixou, eu procuro valorizar desde as mínimas coisas, desde o sol... Eu procuro olhar para fora da sala de aula e trabalhar porque a chuva é importante na nossa vida; porque é importante a gente amar a Deus; saber que Deus existe independente de qualquer religião; de qualquer forma de religião, mas sabermos que é importante a gente buscar isso na nossa vida. Procuro trabalhar desde as mínimas coisas, até um passarinho que passa naquele momento, para mim é muito importante, trabalho com eles esse lado para eles valorizarem realmente, que Deus é importante na nossa vida, que uma religião é importante na nossa vida.

Bem, a questão da educação com o sagrado é algo assim, que é muito relativo, para mim, como professora e pela experiência que tenho, vejo que é uma experiência muito grande. O sagrado para mim é minha fé, minha luta no dia-a-dia; vontade de fazer algo pelas pessoas. Eu acredito realmente em Deus, dentro da minha religião, dentro daquilo que aprendi e acredito, e vejo que cada aluno de uma forma ou de outra, ou mesmo até o professor, tenta passar isso para os seus alunos. Eu acho que não tem como a gente separar muito o sagrado da própria educação, porque a educação é uma mágica, e você vai adquirindo, e de onde vem? Eu tenho por mim que vem da minha fé; vem do meu amor para com as pessoas; vem de toda formação que tive, como família, como pessoa.

Voltando um pouco sobre as dificuldades que a gente encontra em trabalhar o Ensino Religioso; dentro da escola eu não encontro dificuldade, mas vejo como maior dificuldade a falta de troca de experiências entre os professores (de ER). A gente não tem, e se tem é uma vez no ano, essa oportunidade de estar trocando experiências, num encontro onde a gente pudesse abordar realmente aquilo que cada um faz. Nesses dois anos de

experiência, tudo que eu busquei foi com relação a minha curiosidade, de como eu poderia trabalhar, e de acordo com as experiências que fiz na escola; de saber a questão de religiosidade como que seria. Vejo como dificuldade isso, porque na minha escola é um só professor, que sou eu, porque são doze salas de aula em que são trabalhadas o Ensino Religioso. Então o que tenho como dificuldade? Não tenho outros colegas para trocar experiências, e acho que a gente cresce muito com essas experiências de sala de aula, porque tem professores que às vezes, estão com muito mais tempo de experiência em sala de aula no Ensino Religioso do que eu e vejo essa dificuldade de não se ter essa troca de experiências entre os próprios professores. No início do ano a gente tem um encontro, a gente tem os módulos de quatro horas, que não dá para a gente trocar toda experiência de sala de aula e conversar com outros professores... Eu penso assim, será que eu estou trabalhando numa linha certa, será que é isso mesmo que o Ensino Religioso propõe dentro de sala de aula? Eu trabalho muito nessa linha do que foi bom para mim, talvez para outro também seja bom; o que foi bom para o outro para mim pode ser aproveitado; então essa troca de experiência é um enriquecimento muito grande e percebo a dificuldade que a gente tem de trocar experiência dentro da área do ensino religioso.

PROFESSORA: VERA LUCIA ASSUNÇÃO

Eu sou a Vera Lucia Assunção, sou natural de Conquista, oriunda de uma família humilde onde meu pai pagava aluguel, era assalariado, com oito filhos. Na época tinha magistério em Conquista, e a gente não tinha condições de pagar uma faculdade, então, não foi uma opção, e o único caminho que eu tinha era ser professora, fazer magistério.

Comecei a lecionar em zona rural antes de terminar meus estudos. Na época não era como hoje: muitos professores, poucas vagas. Antes de me formar eu já estava trabalhando. E foi por aí que consegui fazer Pedagogia-Supervisão. Fui pagando meus estudos. Depois me casei e vim para Uberaba. Tenho dois filhos. E, aposentei, por tempo de serviço, como professora regente de primeira a quarta série. Minha primeira efetivação foi por tempo de serviço, mas tinha um segundo cargo por meio de concurso. Prestei o concurso, para ter experiência, e graças a Deus passei, e estou nesse segundo cargo, onde, daqui a seis anos, se Deus quiser, eu me aposento também. Lecionava de primeira a quarta série. Trabalhava na Escola Paulo José Derenusson, Escola Estadual. Lá foi fechando de primeira a quarta série. Aí um dia cheguei na escola, dei minha aula numa sexta-feira; quando eu voltei para casa o superintendente me ligou falando: “Você assume no América porque seu cargo fechou!” Aí chorei. Entrei quinze dias de licença, porque eu amava a escola, eu amava o pessoal. Parece que fiquei sem chão.

Quando eu cheguei aqui, eu falei assim: “Carteira e aluno para mim vão ser a mesma coisa; porque se acontecer isso eu não vou sofrer o que eu estou sofrendo”. E graças a Deus, foi um mês para amar tudo de novo: a escola, os funcionários, os alunos. Peguei a primeira série. Aí fiquei excedente na escola. E a Júlia que era diretora na época, falou assim: “Vera você tem algum curso de Ensino Religioso?” Falei: “Tenho”. “Então vai na superintendência e pega o Ensino Religioso aqui na escola. Então o Ensino Religioso veio como solução de problemas. Principalmente para mim que fazia seis meses que estava aqui e ia ter que mudar de escola. Aí eu fiz o curso que a superintendência oferecia. E meu cargo efetivo aqui ficou em Ensino Religioso. Lecionava de primeira a quarta série.

Quando peguei o sexto e o sétimo ano que na época eram quinta e sexta série, no primeiro dia de aula, um pai, tTestemunha de Jeová, chegou aqui na escola e queria saber quem era a professora de valores, de Ensino Religioso. Aí quando me apresentei, ele falou assim: “Olhe professora, eu vou acompanhar seus cadernos, eu quero ver se a senhora não vai estar interferindo na religião do meu filho!” No momento para mim foi um susto. Onde estou pisando? Mas de repente vi que foi uma luz; aquele pai foi uma luz na minha correria dali

para a frente, porque a partir de então eu comecei a tomar muito cuidado. Eu vi que eu estava ali para trabalhar a construção do ser humano e não a religião do ser humano. Só que não vejo como trabalhar a construção do ser humano excluindo Deus. Como vou falar da criatura e não falar do criador? E comecei a trabalhar valores humanos, colocando Deus em toda matéria que eu ia trabalhar.

No começo foi assim, um pouco difícil, porque alunos imaginavam que a aula de Ensino Religioso era aquela aula em que o aluno podia fazer bagunça; que o aluno não tinha compromisso. Aqui no América nunca teve o critério de nota. Eu achei até que ia trabalhar com notas, depois vi que não tinha necessidade de usar nota como cobrança de disciplina, de responsabilidade do aluno.

Foi um trabalho que não foi de um dia para o outro, mas foi um trabalho de luta, conquistando o carinho dos meninos, a confiança, a responsabilidade pelo conteúdo. Os alunos do oitavo e nono ano tão trabalhando sexo e neoliberalismo, é uma coisa que prende a atenção dos meninos.

Toda aula eu trabalho uma mensagem, primeiro eu vejo que aluno vem da aula de matemática, de português, chegou da educação física, então, para se conseguir aquela paz dos alunos, você tem que mexer com a sensibilidade do aluno. Então sempre trabalho mensagens. Eu faço coletânea de mensagens de valores humanos. Quando eu os deixo bem assim, “tudo dominado” como dizem os meninos, então eu começo meu conteúdo. Então eu acho que é muito importante a gente trabalhar essas mensagens, primeiro; e eu tenho conseguido muito.

Vejo e falo que valores humanos caiu de paraquedas; como solução de problemas, mas para mim foi uma bênção, porque eu acho que me idealizo dentro desse conteúdo. Eu me torno pessoa melhor! Às vezes eu falo para os meus meninos: eu queria que a carapuça de tudo que a gente trabalha servisse tanto para vocês quanto serve para mim porque sou uma professora de valores, mas não sou perfeita, não sou melhor do que vocês, a gente está aqui para crescer juntos. E isso é muito importante!

Vejo o fruto disso quando um aluno chega perto de mim e fala assim, dona Vera, eu ouvi essa mensagem e trouxe para senhora. Dona Vera, eu vi isso e trouxe para dar para senhora. Então, é o prêmio do meu trabalho; por que eles relacionam a minha aula com alguma coisa de bom que eles ouvem, que eles assistem; então e gente vê que o retorno do que estou sentido, do que estou recebendo. Porque nota não tem; eu não mando aluno para fora.

A família hoje, você não sabe se é pai e filhos, mãe e filhos, padrasto e filhos; então se vai trabalhar com família é uma dificuldade, por que você vai trabalhar a árvore

genealógica da família, eles não sabem se colocam o padrasto; se coloca os irmãos que estão morando ali, ou se são os irmãos; então é muito complicado para trabalhar o Ensino Religioso, ou seja, os valores humanos.

Tanto eu acho que esse conteúdo não pode ser tirado nunca, não por mim, estou aposentando, mas por eles, acho que são os únicos cinquenta minutos na semana que eles têm para ver essa maravilha que Deus é na nossa vida, e para aprender alguma coisa de bom. Eu acho muito importante!

Quando a gente trabalha um projeto solidário, a gente vê o tanto que eles se doam, o tanto que eles trabalham, o tanto que eles acham gostoso fazer um trabalho assim, nesse padrão. Então, eu acho muito importante, porque você sabe que a violência se tornou uma corrente, que você não acha o ultimo elo, e vai crescendo, porque se tornou uma corrente. Se a violência se tornou uma corrente, eu acho que a paz, os valores, a gente pode fazer disso também! Depende de todo mundo unir e trabalhar na mesma linha, com todas as crianças, porque isso, eles vêm buscar na escola. Não que a escola seja obrigada, tenha responsabilidade de assumir o papel de pais, mas, querendo ou não, nós assumimos: nós somos psicólogos, pais, mães, babás, a gente é tudo. E não adianta eu falar assim, eu não quero ter responsabilidade, não é minha! Porque de certa maneira você se envolve com o aluno, você se envolve com a criança, você sabe que você é importante para ele. Então muitas vezes nós não escolhemos isto.

Eu trabalho muito a campanha da fraternidade no início. E digo: “gente nós estamos trabalhando a campanha da fraternidade, nós não estamos trabalhando a Religião Católica. Fraternidade é amor entre irmãos! Então nós vamos pegar essa parte da Religião Católica para a gente ver como a gente pode fazer. A gente trabalha transformando o aluno como cidadão crítico, consciente.

Trabalhei também essa parte, essa parte aqui na semana santa, então eu trabalhei o texto, “valeu a pena o que Jesus fez por você?” Não englobando só a Religião Católica.

O importante é você conquistar o carinho, a amizade, a confiança do aluno; consigo tudo que os outros professores conseguem sem falar assim, “oh, vocês vão perder cinco pontos”.

Consigo também a valorização. Porque a valorização do outro é muito importante. Todo mundo gosta de ser elogiado, eu gosto! Eu amo quando alguém chega perto de mim e fala que eu fiz alguma coisa de bom. A gente gosta de ser valorizada; e acho que todo ser humano por pior que seja, ele tem o lado bom dele. E cabe ao professor de valores humanos, de Ensino Religioso, descobrir no aluno, qual é esse lado dele, para começar a valorizar, para

começar a resgatar nele valores que estão perdidos e esquecidos hoje. E a experiência que eu tenho é essa, amo! Tanto que eu procuro fazer daqui um parque de diversão na minha vida. Bem gostoso; bem alegre. E assim sou feliz! Sou feliz!

O sagrado é sagrado! Então o sagrado, para mim, é aquela força, que cada ser humano tem que às vezes até dúvida que tenha. Procuro despertar sempre esse sagrado nos meus alunos, é a força, a fé que nós temos, para o dia-a-dia independente de religião!

Eu sou católica e nem pergunto para os meus alunos a religião deles e nem sinto a necessidade de falar de que religião eu sou, por que eu tenho alunos espíritas, católicos, evangélicos diferentes, Testemunhas de Jeová, e eles amam da mesma forma. A mesma forma de gostar, de respeitar, de ter carinho! Então eu não vejo diferença; não vejo porque especificar o Ensino Religioso, não vejo porquê! Mas eu acho assim, não tem como você trabalhar valores humanos, excluindo Deus, excluindo a fé.

Experiências assim a gente tem todas! Do dia-a-dia, é do retorno que eles me dão, como eu já disse para você. São as coisas bonitas que eles encontram lá fora, que eles ouvem e que eles trazem para mim. Quando eles têm algum problema, eles chegam e conversam com a gente, pedem ajuda! Dentro do meu conteúdo, é essa troca de carinho, essa busca de confiança. Não tem como a gente falar assim, eu não vou fazer o papel de pai, a gente vai!

Quando nós estávamos trabalhando o lacre, um aluno, do sexto ano, chegou perto de mim, e falou assim: “Dona Vera, eu fui passear no Rio de Janeiro e a gente tava lá na praia, e eu vi aquele tanto de lacre lá no chão, então eu comecei a catar os lacres, e um senhor chegou perto de mim e me deu uma garrafa, e falou assim: ‘toma meu filho, vou te ajudar!’ Não, eu não estou pegando material reciclado, eu não trabalho aqui... Eu estou apenas colaborando com o os doentes do Hospital Hélio Angotti, porque esse lacre vai ser trocado por soro, para os doentes.” Então são experiências assim, que a gente vê que teve um resultado lá fora. Mesmo eles estando fora daquele quadradinho limitado da sala de aula, o que eles vivem ali, eles levam para fora.

As dificuldades que eu encontrei, quando eu iniciei, foi essa dificuldade que eu te falei, a falta de compromisso do aluno com o conteúdo, de achar que o conteúdo era uma coisa assim... Vejo relato de professores que dizem assim, “Deus me livre de valores humanos, de Ensino Religioso, não quero isso de jeito nenhum”, então eu acho assim, foi a mesma dificuldade que eu encontrei. Muitas vezes até os próprios funcionários da escola desvalorizam essa disciplina, falam assim: “Ah, eu vou precisar da sua aula. Então, eu vou dar aula ou vou fazer um trabalho; ou eu preciso tirar alguns alunos, da sua aula” como se a aula de valores humanos, não tivesse valor nenhum.

Inclusive numa reunião de pais eu pedi para falar, porque eu comentei com os pais que achava muito importante eles acompanharem o material dos alunos, porque, afinal de contas, eu estava interferindo na formação e educação dos filhos deles, e eles tinham a obrigação, como pais, de saber o que eu estava fazendo com os filhos deles. Porque eu tanto poderia estar ajudando, como poderia estar destruindo. E falei pra eles: “olha! Valores humanos aqui na escola não tem nota, mas eu acho importante, porque essa nota é para o próprio aluno, porque se eu sou bom em matemática, eu posso acabar numa cadeia como um assassino, um marginal; mas se eu sou bom em valores humanos, em fé, eu posso até não ser o melhor em português e em matemática, mas meu pai nunca vai ter que me visitar numa cadeia, por quê? Porque eu sou uma pessoa digna, íntegra, de respeito e onde eu busquei isso: nos valores humanos”.

Consegui o respeito dos meus colegas. Hoje eu cedo sim alguma coisa na minha aula porque também faz parte a gente ser solidário com o colega, e muitas vezes eles precisam como também eu já precisei, de pedir a aula para eles; por quê? Porque também é um problema a gente ter uma aula de cinquenta minutos na semana.

Nesses dez anos em que trabalho, eu que corro atrás do meu material, sabe? O que eu quero trabalhar, eu corro atrás... O único material que a direção passada comprou para mim, esse, “O livro do Adolescente”, que foi trabalhado aqui na escola... Há dificuldade de material porque geralmente o material que o Estado manda, ele manda de Religião Católica. Ele manda livros que trabalham mais a Religião Católica, e eu não posso interferir na religião dos alunos. Se eu trabalho uma música do padre Marcelo, então eu falo para os alunos, essa música é do padre Marcelo, nós vamos trabalhar esse assunto, e eu estou usando a música, mas não a Religião Católica. Portanto, nós temos que ter muito cuidado; assim que a gente trabalha valorizando, sempre a Bíblia, essa aí a gente não deixa porque tanto faz o evangélico, a gente fala que a Bíblia é palavra de Deus, o que está ali são formas diferentes de interpretar, mas há valorização da palavra. E alguns textos em que a gente trabalha, então eu sempre arrumo alguns textos que vem versículo, então eu peço, olha vocês vão procurar, o evangélico, o testemunhas de Jeová, o católico; vocês vão pesquisar na bíblia que vocês têm e depois vocês trazem para mim. Então aí eu dou espaço para o evangélico falar, para o espírita, para o católico. E a gente trabalha assim.

PROFESSORA: ELIZABETH CASTANHEIRA

Meu nome é Elizabeth Castanheira. Sou solteira. De uma família de cinco filhos, com exceção de meu irmão, todos são educadores. E não teve como escapar dessa. Eu até gostaria. Na fase da adolescência, eu fui para área da economia, mas quando faltavam dois anos para formar, eu voltei e fiz o magistério. Completei o magistério e logo de cara surgiu um curso lá no Diocesano de valores humanos. E eu de imediato quis realizar esse curso. Era de cento e vinte horas. Consegui completar esse curso de cento e vinte horas e, logo que me formei eu já peguei aula de valores humanos, de Ensino Religioso. Porque ainda não mudou a nomenclatura, para valores humanos, isso deve ter o quê: uns dez, doze anos atrás; tem tempo!

Como o valores humanos não tinha uma garantia, tinha professores antigos, tinha professores já estabilizados na área, a gente tinha uma dificuldade tremenda de ter muitas aulas, e completar as aulas, eu achei melhor fazer, dentro da área de valores humanos, valorização através da arte.

Eu gosto muito de arte, eu acho que quando se fala em emoção, sentimento, tudo está ligado ao ser humano. Então formei-me em artes visuais e sigo atualmente as duas linhas, tanto valores humanos como artes visuais. Dou aula aqui na escola de história da arte e de valores humanos.

Bem então.. Como me tornei professora foi uma coisa assim de instinto, de família, não teve como desviar desse modelo de família; e foi uma coisa natural que mesmo assim com a fase da adolescência a gente querendo sair fora e sair para fora, mas eu acho que o que tem que ser nessa vida a gente acaba sendo, e retorna e recomeça novamente.

Hoje o Ensino Religioso está tendo uma visão muito diferente do passado. Graças a Deus, os professores de Ensino Religioso hoje têm muitas aulas, tão completando os cargos, estão tendo uma visão, principalmente o Estado de Minas Gerais, com relação a essa área, inclusive estão cogitando de fazer o concurso nessa área.

Então eu acho que a visão de valores humanos está dando uma modificada. Inclusive em algumas escolas não há mais conceito, é um processo de pontuação. Aqui na escola, infelizmente, eu estou lutando para retirarem essa forma de conceito, de não ter nota. Porque infelizmente hoje o aluno só valoriza as atividades, o conteúdo quando ele é avaliativo.

Como eu estou dando aula aqui de valores há dois anos, e valorizo, e dou prova, e olho caderno, e vou em cima, e sei quem que é quem e procuro saber de família e tudo; então

esse cotidiano, esse dia-a-dia está sendo modificado. A visão dos alunos está sendo modificada, porque o professor antes de mim tinha muita dificuldade de entrar até na sala de aula, porque os alunos não valorizam mesmo, acham que, se o conteúdo não é avaliativo, então não serve para vida.

Então, para ser professora de Ensino Religioso, fiz dois anos de magistério no colégio Boa Vista; fiz um curso de valores humanos de cento e vinte horas pelo CONER, que é a Superintendência de Ensino que aplicou esse curso, inclusive eu nem poderia ter feito, mas o entusiasmo era grande e acabei me inscrevendo. Porque na época tinha que ter o terceiro nível, o curso superior. Mas mesmo assim eu me inscrevi e fiz esse curso e a partir daí a gente vai procurando material didático; vai procurando colegas e, graças a Deus, a gente tem, na área de valores humanos, um coleguismo muito grande, então a gente troca idéias, materiais didáticos, então é muito bacana.

E assim, eu falo valores humanos, mas na grade a nomenclatura é Ensino Religioso. Mas na sala de aula eu trabalho valores. Valores! Olha, como eu dou aula de artes, então eu faço um vínculo, uma ponte aí para poder chamar mais a atenção, o lúdico chama atenção, então a criação chama mais atenção, então eu vou envolvendo muito imagens, histórias didáticas, então eu faço essa ligação essa ponte. É mais uma forma de dar aula que propriamente um manual. Eu não posso te falar assim, eu sigo a linha, o livro, a referência, não adianta eu citar a referência, porque são várias. Se eu te mostrar um negócio, a pasta de Ensino Religioso, tem xerox de colegas, os livros didáticos que o Daniel, o próprio Daniel me forneceu.

É mais uma mesa redonda. Tem dia que a gente diz vamos bater um papo aí a gente coloca no final da aula o que foi expressado, dito, fixado, refletido, então é muito em cima de reflexão, principalmente no noturno, que são mais adultos, então dá para você trabalhar toda a didática, a sexualidade, o conhecimento do próprio eu, as dificuldades de enfrentar a vida, o reconhecimento dos nossos defeitos e dificuldades. Em religião não entro! A gente pode comentar sem interferir. “Ah, professora, você acredita?” A curiosidade deles é muito grande. “Cê acredita em Deus?”, então a gente vai levando assim o papo não no que eu acredito, mas vai fluindo, porque eu não quero interferir...

E dificuldades eu tenho muitas, muitas! Diariamente! Então a gente tenta superar com as experiências que você vai adquirindo; jogo de cintura.

É engraçado que eles falam muito em espiritismo, reencarnação, e eles vão me questionando essas coisas e eu não posso nem afirmar uma que não sou espírita; eu sou católica... Eu não tenho base, eu não tenho como fornecer dados, então existem vários

questionamentos de diabo, de capeta, se vai para o inferno, então é isso sabe? É muito legal. O que eu procuro levar a aula na fé em Deus, que ele é o soberano, que ele pode tudo.

O sagrado é o nosso coração está pleno; pleno de amor, de satisfação, de envolvimento. A partir do momento em que você está interagindo com esse amor, a gente interage também com o aluno. O aluno percebe o professor que está afim de dar aula; o professor que quer transmitir a aula. É certo que a maioria não envolve o tanto que a gente gostaria, e aí essa interação não é cem por cento, mas o sagrado é o puro Deus. Deus na gente; na alma, no coração, na força, não só no Ensino Religioso, em nós todos aqui.

Os professores estão saturados, cansados, lutam diariamente, mas a gente percebe, o clima é pesado! A gente percebe que nosso envolvimento, nosso interesse, o nosso empenho, o retorno é muito pouco. Mas é gratificante, não deixa de ser. A gente pode estar atingindo três ou quatro, mas estando atingindo é que ainda nos dá o gás para poder continuar.